

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação

Lilian Vieira Ambar

***Nós, Mulheres da Periferia* e o protagonismo da
mulher negra e periférica na mídia**

São Paulo

2024

***Nós, Mulheres da Periferia* e o protagonismo da mulher
negra e periférica na mídia**

Lilian Vieira Ambar

Trabalho de conclusão de curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Cultura, Educação e Relações
Étnico-Raciais.

Orientadora: Profa. Dra. Claudia Nonato

São Paulo

2024

Agradecimentos

À Ana Cristina Pinho, amiga de classe, de Sesc e da vida, que me ajudou a direcionar este artigo. Aos meus amigos de turma, Sâmia, Wallace e Ewelyng, por todo apoio e não me deixarem desistir. À Valerya Borges por ter me incentivado a realizar essa pós-graduação. À minha família, por investir e apoiar a minha educação. E, finalmente, à Claudia Nonato, que me orientou brilhantemente neste artigo.

Nós, Mulheres da Periferia e o protagonismo da mulher negra e periférica na mídia¹

Lilian Vieira Ambar²

Resumo: Este artigo parte do advento da internet e de como a luta do movimento negro tem se apoiado nas novas redes sociais online para o enfrentamento ao racismo e a construção de narrativas mais representativas e humanizadas. Para isso, analisa a organização de jornalismo **Nós, mulheres da periferia**, que tem produzido conteúdos relevantes para mudar a lógica de concentração da notícia pela mídia hegemônica e, assim, contribuir com a construção de narrativas mais próximas da realidade de mulheres negras e periféricas. Para isso, utiliza como estudo de caso a entrevista feita em 2023 com a psicóloga Ingrid Lúcio, intitulada “Preta, você se sente culpada pelo seu avanço social?”, e se apoia em comentários feitos pelas seguidoras do perfil da organização no Instagram.

Palavras-chave: Jornalismo. Mulheres. Periferia. Movimentos Sociais. Redes Sociais.

Abstract: This article starts from the advent of the internet and how the struggle of the black movement has been supported by new online social medias to combat racism and construct more representative and humanized narratives. To this end, it analyzes how Nós, Mulheres da Periferia has produced relevant content to change the hegemonic media's logic of news concentration and, thus, contribute to the construction of narratives that are closer to the reality of black and peripheral women. The article is based on an interview with psychologist Ingrid Lúcio, entitled “Black woman, do you feel guilty about your social advancement?”, and is based on comments made by followers on Instagram profile.

Key words: Journalism. Women. Periphery. Social movements. Social media.

Resumen: Este artículo parte de la llegada de Internet y de cómo la lucha del movimiento negro ha sido apoyada por nuevas redes sociales en línea para combatir el racismo y construir narrativas más representativas e humanizadas. Para ello, analiza cómo Nosotras Mujeres de la Periferia hemos producido contenidos relevantes para cambiar la lógica de concentración informativa de los medios hegemónicos y, así, contribuir a la construcción de narrativas cercanas a la realidad de las mujeres negras y periféricas. El artículo está basado en una entrevista realizada a la psicóloga Ingrid Lúcio, titulada “Negro, ¿te sientes culpable por tu ascenso social?”, y se basa en comentarios realizados por seguidores del perfil de Instagram.

Palabras clave: Periodismo. Mujer. Periferia. Movimientos sociales. Redes sociales.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para obtenção do título de Especialista em Cultura, Educação e Relações Étnico Raciais

² Lilian Ambar é jornalista, formada em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade São Judas Tadeu, pós-graduada em Gestão da Comunicação em Mídias Digitais pelo Centro Universitário Senac.

INTRODUÇÃO

Corpos objetificados e perseguidos, violências, apagamento, invisibilidade e falta de acesso ao trabalho, à educação e a outros direitos básicos são alguns dos impactos do racismo na vida das mulheres negras brasileiras. Numa breve pesquisa na internet, é possível encontrar diversas notícias que retratam um pouco dos reflexos da universalidade da branquitude e sua hierarquia das relações sociais.

Por que o fenótipo da mulher negra chega antes do seu currículo? (IG NOTÍCIAS, 2024)³

Pessoas negras são maioria em postos de trabalho informais e ganham 61% menos que pessoas brancas, aponta IBGE (BRASIL DE FATO, 2023)⁴

Mulheres negras ganham menos da metade que homens brancos no Brasil, mostra novo estudo (FOLHA DE S. PAULO, 2023)⁵

A relação desigual que naturaliza o racismo e oprime mulheres pretas (CORREIO BRAZILIENSE, 2024)⁶

Mulher negra é revistada após fazer compras e acusa loja em SP de racismo (FOLHA DE S. PAULO, 2024)⁷

Além de escancarar o racismo e suas diversas faces, as manchetes reforçam a premente necessidade de ações e políticas públicas para construir uma sociedade mais inclusiva. Apontam também a urgência de desconstruir o imaginário histórico perpetrado pela mídia hegemônica e branca, marcada pela falta de veículos interseccionais, preocupados com a questão racial, de gênero e classe. Ao contrário, historicamente, a mídia tem reforçado estereótipos negativos e contribuído para a relação desigual que naturaliza o racismo e oprime mulheres negras. Para Sodré:

Com referência ao negro, a mídia, a indústria cultural, constroem identidades visuais a partir não só da negação e do recalcamento, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e as folclorizações em torno do indivíduo de pele escura (SODRÉ, 2015, p. 280).

Como parte do processo de resistência do movimento negro de mulheres na mídia, surge a organização de jornalismo *Nós, mulheres da periferia*, um dos poucos veículos a colocar em pauta diálogos importantes para a libertação e a emancipação

³ <https://delas.ig.com.br/2024-02-27/mulheres-negras--mercado-de-trabalho.html>

⁴ <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/06/pessoas-negras-sao-maioria-em-postos-de-trabalho-informais-e-ganham-61-menos-que-pessoas-brancas-aponta-ibge>

⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/mulheres-negras-ganham-menos-da-metade-que-homens-brancos-no-brasil-mostra-novo-estudo.shtml>

⁶ <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2024/03/6823772-a-relacao-desigual-que-naturaliza-o-racismo-e-oprime-mulheres-pretas.html>

⁷ <https://folha.com/0cjlzfnx>

das mulheres negras e periféricas, para problematizar acerca dos preconceitos e estereótipos limitadores na sua existência e fortalecer sua identidade. Com a proposta de inverter a lógica de poder exercida pela mídia hegemônica e exaltar as realidades das mulheres negras e periféricas a partir de suas perspectivas e vivências, o *Nós* é um dos veículos alternativos oriundos das periferias que procuram dar voz à própria comunidade, a partir de um olhar interseccional de classe social, raça e gênero, muito presentes em razão da localização geográfica das residências das moradoras das bordas da cidade.

Diante disso, este artigo procura entender de que maneira o material produzido pelo grupo *Nós, mulheres da periferia* tem conseguido construir uma narrativa mais representativa e próxima da realidade das mulheres negras e periféricas.

É importante destacar que, ao longo da história, os veículos tradicionais da grande imprensa têm marginalizado corpos negros e periféricos. Segundo a jornalista Rosane Borges⁸, a representação de corpos negros na mídia está dentro de um código reconhecido. E para a narrativa jornalística ter essa decodificação mais expressiva é enquadrar corpos negros, corpos trans e corpos periféricos dentro do desviante, anormal, feio, errado. São corpos que serão acionados para representar essa narrativa. Para Borges:

Imagem e imaginário têm a ver com a política real. Enquanto a gente tiver ligando uma coisa a outra, o preconceito vai ser uma profecia autorealizadora no Brasil. Nós negros, com uma tendência a sermos mais perigosos, uma ameaça à sociedade, somos a maioria nos presídios. Você percebe como o preconceito confirma um dado da realidade, confirma a partir de um dado que é irrisório, ou da suposta narratividade? Os nossos corpos não são propensos a marginalidade ou a pobreza, eles só o são porque há um regime racista que nos coloca nessa prisão de imagens.

Pretende-se, portanto, entender como o conteúdo produzido pelas jornalistas busca desconstruir este imagético de marginalidade e consegue afetar a subjetividade de mulheres negras e periféricas ao atingir um público expressivo. Em 2023, o site do *Nós, mulheres da Periferia* teve mais de 404 mil visualizações de página⁹; o conteúdo

⁸ Entrevista concedida ao Alma Preta. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/rosane-borges-a-cobertura-da-midia-cria-a-fronteira-entre-nos-e-os-outros/>

⁹ Dados do Google Analytics. Disponível no Mídia Kit enviado pela organização de jornalismo.

publicado em redes sociais (Instagram, Facebook, X, Tiktok, YouTube e LinkedIn) atingiu mais de 8 milhões de pessoas¹⁰.

Para isso, será analisada a entrevista feita com a psicóloga Ingrid Lúcio, intitulada “Preta, você se sente culpada pelo seu avanço social?”, publicada no site em 25 de julho de 2023, e que alcançou mais de 43 mil pessoas¹¹. A partir dessa entrevista, localizamos mulheres que interagem com o post na rede social Instagram para compreender de que maneira elas se sentiram representadas por este conteúdo; e se ele contribuiu para o fortalecimento das suas identidades e o entendimento das suas condições enquanto mulheres negras numa sociedade tão racista como a brasileira.

A organização de jornalismo *Nós, mulheres da periferia* já foi pesquisada e analisada de diversas formas. Em uma busca no portal da Universidade de São Paulo e no Portal da CAPES, encontramos dez artigos e dissertações sobre o trabalho do grupo. Porém, nenhum deles aborda diretamente um tema reproduzido em uma matéria ou publicação em rede social, ou seja, trata da relação direta das mulheres com um conteúdo produzido pelo *Nós*.

Para chegar a este tema, como método, fizemos uma busca nos canais online do *Nós, mulheres da periferia*. A matéria a ser analisada foi selecionada por ter recebido mais de quatro mil interações do público ao ser replicada no Instagram. A partir disso, realizamos uma seleção entre os comentários da publicação, para analisar o que dizem as mulheres que se identificaram com a temática e relataram situações correlatas.

Com esta pesquisa, esperamos mostrar como a chegada da internet e das redes sociais têm imprimido uma nova forma de abordar e disseminar temáticas tão pertinentes na atualidade, como as questões racial, de gênero e classe. Pretende-se ainda entender como as estratégias comunicacionais do *Nós, mulheres da periferia* têm conseguido furar a bolha da grande imprensa para atingir e impactar mulheres negras e periféricas com conteúdos relevantes, representativos e mais humanizados.

A CONSTRUÇÃO DA PERIFERIA PELA MÍDIA HEGEMÔNICA

Para falar de periferia, faz-se necessário recorrer a uma breve explicação sobre a constituição deste vasto território no nosso país. A formação da periferia é produto

¹⁰ Dados das redes sociais. Disponível no Mídia Kit enviado pela organização de jornalismo.

¹¹ Dados do Meta. Disponível no Mídia Kit enviado pela organização de jornalismo.

da espoliação urbana, termo definido por Kowarick (1979) como a sistemática exclusão das camadas populares do acesso aos serviços de consumo coletivo. Para Bonduki e Rolnik:

Ao relacionar espaço a preços, a renda da terra impõe padrões de ocupação que segregam o território urbano. A elevação da renda diferencial de um terreno torna-o cada mais inacessível às parcelas menos remuneradas da força de trabalho, cujos rendimentos são insuficientes para pagar seu preço. Assim, as camadas de menor renda são “expulsas” para periferias cada vez mais carentes. E o território que lhe cabe habitar na metrópole será sempre sua parcela menos urbanizada e mais carente (BONDUKI E ROLNIK, 1979, p. 80).

Portanto, apresentar baixa renda diferencial é o que define periferia, estando o terreno onde estiver no espaço urbano, segundo Bonduki e Rolnik (1979). Conseqüentemente este será, por excelência, o local de habitação dos trabalhadores.

Neste sentido, não existe uma periferia, mas muitas, com características diferentes, pois mesmo dentre os territórios da cidade mal servidos, isto é, que apresentam baixa renda diferencial, há uma gradação - desde o que não tem ruas, até o que não água ou asfalto etc. (BONDUKI E ROLNIK, 1979, p.84).

A construção da identidade da população residente nesses territórios sempre foi influenciada pela sua representação na esfera midiática, que com frequência retrata este nicho da sociedade por um viés estigmatizado de pobreza e marginalidade. Um exemplo são os programas de noticiário policial, que, segundo Oliveira (2020), tratam de situações de violência extrema nos bairros periféricos e adotam um tom de defesa da repressão policial.

É uma perspectiva ideológica de se tratar a periferia. Evidente que os bairros periféricos sofrem com a violência, porém há muitas outras carências nestas localidades - saúde, educação, transporte público. E, além disso, seus moradores não se dividem automaticamente entre “bandidos” e “vítimas da bandidagem”: há cidadãos que protagonizam ações pouco visibilizadas no jornalismo, como projetos sociais e culturais, lutas por melhorias nos equipamentos sociais, entre outros (OLIVEIRA, 2020, p.63)

No que tange especificamente às mulheres negras, conforme aponta Carneiro (2019), a naturalização do racismo e do sexismo na mídia reproduz e cristaliza, sistematicamente, estereótipos e estigmas que prejudicam, em larga escala, a afirmação de identidade racial e valor social deste grupo. Assim, para Carneiro, os

meios de comunicação vêm se constituindo em um espaço de interferência e agendamento de políticas do movimento de mulheres negras.

Das notícias que estampam reportagens de jornais às telenovelas, é bem recente a participação de mulheres negras em papéis de protagonismo, o aparecimento em propagandas ou desempenhando outros papéis na vida pública. Ainda assim, a representatividade negra na mídia enfrenta muitos desafios e carece de muitos avanços.

Portanto, o *Nós, mulheres da periferia*, um coletivo que se identifica como uma empresa jornalística fundada e autogestionada por mulheres negras e periféricas, cumpre papel fundamental, à medida que busca inverter a lógica de concentração da notícia pela mídia hegemônica e mostrar outras realidades, mais humanas e contextualizadas, a partir do olhar, da vivência e da experiência da mulher negra como protagonista e “contadora” da sua história, com o objetivo de que ela se sinta representada neste conteúdo. A organização de jornalismo se propõe a falar diretamente com mulheres negras e periféricas que anseiam por pautas com as quais se identificam e desejam que a comunicação seja plural e inclusiva.

Mídia hegemônica e concentração da notícia

A história da imprensa brasileira tem sido marcada pela concentração da notícia nas mãos dos grandes veículos, geridos, em sua maioria, pela classe dominante branca. Para Oliveira (2020), o que se chama de esfera pública (ou mesmo sociedade civil) no Brasil é algo quase que fictício, tendo em vista a captura da atividade jornalística por um circuito de controladores dos bens econômicos que pressionam o Estado para os seus interesses. Para Oliveira:

Os procedimentos de produção industrial que deslocam o jornalismo de uma perspectiva do esclarecimento para um negócio comercial, por aqui serviu para potencializar os poderes oligárquicos de determinados grupos. Grande parte das empresas jornalísticas são deficitárias, não se constituem dentro dos parâmetros de uma indústria cultural e são iniciativas de pessoas ou grupos que buscam as benesses do poder (OLIVEIRA, 2020, p. 38)

Sodré (2015), por sua vez, contextualiza a história da imprensa negra no país e ressalta que “é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira”. O autor relata que quando os indivíduos de pele escura conseguem um trabalho na imprensa são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, ou seja, nos

bastidores, longe da visibilidade pública.

Os “feudos” fazem repercutir o velho espírito patrimonialista, o imaginário e as ideologias das elites nacionais e internacionais [...] a mídia é o intelectual deste poderio, que se empenha em consolidar o velho entendimento do povo como ‘público’ sem comprometer-se com causas verdadeiramente públicas, nem com a afirmação da diversidade da população brasileira (SODRÉ, 2015, p. 277).

Oliveira (2008) aponta as singularidades das relações raciais e, também, da configuração dos veículos de comunicação:

A reconstrução social operada pela indústria midiática brasileira opera dentro desses parâmetros de desconforto com a presença negra, resolvendo-os a partir de mecanismos discriminatórios não necessariamente explícitos ou segregacionistas, mas de tolerância opressiva (OLIVEIRA, 2008, p. 34).

Coube, assim, à mídia negra uma história de lutas e um trabalho para que houvesse, além de representatividade, a construção de uma nova narrativa. Em 1915, surge o primeiro veículo negro no Brasil: o jornal *O Menelick*, seguido por *O Clarim da Alvorada*, *O Getulino* e *A Princesa do Norte*. Neste período, a imprensa negra é marcada pela tentativa de integração do negro na sociedade global. Depois, em 1931, surge o jornal *A Voz da Raça*, com posições político-ideológicas contra o preconceito de cor. Com o golpe militar e, conseqüentemente, o silenciamento proposital da mídia, mesmo caracterizada por publicações de tiragem menor e de curta duração, a imprensa negra estava atenta aos problemas de socialização específicos do negro brasileiro. A partir da década de 1980, os jornais negros pretendiam reafirmar a ideia de democracia racial brasileira como um mito e desenvolver estratégias antirracistas (Sodré, 2015).

A década de 1980 é marcada também pela necessidade de os cidadãos relegados às áreas mais distantes do centro encontrarem formas de contar suas histórias invisibilizadas. Como não se viam representados, não eram ouvidos e nem tinham suas necessidades noticiadas, muniram-se de sua indignação e criatividade para buscar novas formas de falar sobre sua realidade e trazer outras perspectivas. Neste sentido, as rádios comunitárias cumprem um papel transformador nas periferias, comunidades e favelas.

Na conformação territorial das grandes cidades, por exemplo, a maioria dos afrodescendentes está confinada nas favelas, cortiços ou

periferias... quando esta maioria negra não é subjugada por estas forças militares ou de segurança privada, é discriminada por outros elementos sociais que exercem controle de acesso de pessoas (como porteiros, selecionadores de vagas de emprego e outros profissionais), que dificultam o seu acesso a prédios, empregos, enfim, ao pleno exercício da cidadania. Esse controle de acesso de afrodescendentes também acontece nos meios de comunicação. Em um país com mais de 70 milhões de indivíduos negros, o que corresponde a mais de 40% da população brasileira, conforme dados do IBGE, é de se estranhar uma parcela tão pequena ocupando espaços nos veículos (FERREIRA, 2004, p. 20 e 21).

A chegada da Internet, por sua vez, possibilitou novas formas de organização econômica e social centradas na inteligência coletiva e na valorização do humano em sua variedade (Lévy, 2011). O jornalista Altamiro Borges aponta este cenário como a possibilidade de informação mais democrática:

Vários fatores explicam o declínio relativo da mídia hegemônica. O principal deles, segundo boa parte dos especialistas, é o fator tecnológico. A internet e o acelerado processo de convergência digital possibilitam novas opções de informação, cultura e entretenimento mais democráticas e interativas (BORGES, 2009, p. 32).

É neste contexto de descentralização da comunicação que surgem veículos como *Geledés*, *Blogueira Negras*, *Periferia em Movimento*, *Desenrola e não me enrola*, *Alma Negra*, *Agência Mural*, *Nós, mulheres da periferia*, entre outros.

METODOLOGIA

É sobre o *Nós, mulheres da periferia*, que dispõe este artigo. Para chegar à entrevista utilizada na pesquisa, fizemos uma análise do perfil das redes sociais da organização de jornalismo, que está no Facebook, Instagram, Spotify, X (antigo Twitter), LinkedIn e YouTube. Escolhemos o *Nós* por ser um dos poucos que trabalham na mídia a partir da interseccionalidade de classe, raça e gênero. E a escolha pelo Instagram se deve por esta ser a rede em que o *Nós* reúne o maior número de seguidores: 81 mil e de alcance: 7 milhões de pessoas em 2023¹².

Fizemos um recorte de pesquisa dos últimos dois anos das publicações do grupo no Instagram e chegamos ao post “Preta, você se sente culpada pelo seu avanço social?”, produzido a partir de uma entrevista com a psicóloga Ingrid Lúcio, publicada no portal em 25/7/2023. Com mais de quatro mil interações e aproximadamente 80 comentários, notamos que houve engajamento e identificação do público com o texto, que revela diversas camadas da subjetividade da mulher negra

¹² Dados do Meta. Disponível no Mídia Kit enviado pela organização de jornalismo.

brasileira. Para além do sentimento de culpa, há relatos de solidão, tratamento desigual, sensação de não-pertencimento, cansaço. Ou seja, o conteúdo atravessa as mulheres negras em diferentes aspectos da sua existência. Por conta disso, decidimos utilizá-lo como base para este artigo.

A partir dessa entrevista, localizamos mulheres que interagiam com o post na rede social Instagram para analisar de que forma este conteúdo as impactou e contribuiu para o fortalecimento da sua identidade e o entendimento das suas condições enquanto mulheres negras numa sociedade tão racista como a brasileira.

Portanto, para a construção deste artigo, serão avaliados comentários de sete mulheres que interagiram com o post publicado no dia 25/7/2023. Para manter o sigilo, essas mulheres não serão identificadas. Em seus relatos como comentários no post publicado no Instagram, elas trazem situações vivenciadas na esfera pessoal e profissional, além de desabaços e elogios ao conteúdo.

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e a pesquisa em redes sociais. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Já a pesquisa em redes sociais é feita a partir da investigação da publicação e dos comentários da audiência do perfil do *Nós, mulheres da periferia* no Instagram.

Sobre o *Nós, mulheres da periferia*

O *Nós, mulheres da periferia* é uma organização de jornalismo, formada majoritariamente por mulheres negras, todas residentes nas periferias da cidade de São Paulo: Bianca Pedrina, Elaine Silva, Jéssica Moreira, Livia Lima, Mayara Penina, Regiany Silva, Sabrina Teixeira Novaes e Semayat Oliveira. E surge para contar histórias de mulheres que estão mudando suas realidades; além de ser um espaço acolhedor e porta de entrada para as mulheres contarem suas histórias; e um canal de informação e serviços para mulheres periféricas.

Nosso objetivo é fazer jornalismo de memória. Queremos construir a memória dessas mulheres. Nosso site é ser um lugar onde vamos guardar a história, a opinião, a perspectiva dessas mulheres, sobre o tempo/história que estamos vivendo hoje (OLIVEIRA, 2022).

A história do *Nós, mulheres da periferia* tem início há mais de dez anos, em 7 de março de 2012, quando as integrantes fundadoras publicam um artigo na seção

“Tendências/Debates” da Folha de S. Paulo, um dos jornais de maior circulação no Brasil, atentando para a invisibilidade e os direitos não atendidos de uma parte das mulheres – as que moram em bairros periféricos de grandes metrópoles. O título escolhido foi: “[Nós, mulheres da periferia](#)”.

O texto teve grande repercussão e foi replicado em outros veículos de mídia. Mas, segundo as cofundadoras, o maior impacto foi ter encontrado eco entre as suas iguais: outras jovens ou não tão jovens mulheres moradoras da periferia de São Paulo que se sentiram representadas em um grande veículo. O artigo foi amplamente compartilhado nas redes sociais e, além disso, leitores do jornal se manifestaram por meio de cartas e mensagens ao veículo.

Mulheres começaram a assinar como nós assinamos no jornal e a compartilhar nas redes: ‘Maiara, tantos anos, Paraisópolis’. Neste momento, a gente percebe que existe um vácuo maior do que imaginávamos. Então a Isabela, uma das que assinou o artigo, sugere que a criação de um site para falar sobre periferia a partir de gênero. E isso aconteceu, num processo gestado lentamente (OLIVEIRA, 2022).

As autoras, que escreveram com base em suas vivências cotidianas, individuais e cruzadas, perceberam naquele momento que o vazio de representatividade não era sentido apenas por elas. A partir de então, iniciou-se um processo de pesquisa e consolidação da organização de jornalismo. O website nasceu em março de 2014 com o intuito de contribuir para a construção de narrativas jornalísticas mais humanas e contextualizadas, dialogando com a tríplice raça, classe e território, tendo a periferia de São Paulo como contexto.

Somos resultado do rap dos anos 90, que era o grande noticiário e tem uma relação intrínseca com o Geledés, primeiro portal, e o nosso nascimento depois, nos anos 2000. Sem a internet não seria possível [nossa existência], sem as redes sociais não seria possível gerar contato com as pessoas. Nos comunicamos com quem está em rede hoje... Só construímos nosso nome e lugar no digital. Nós somos um veículo nativo digital e só existimos até hoje porque existe a internet e as redes sociais (OLIVEIRA, 2022).

O principal canal do *Nós* é o site, onde estão diferentes produtos jornalísticos. Desenvolveram ainda o podcast “Conversa de Portão” e mantêm atualizados um perfil no Instagram, uma página no Facebook, um canal no YouTube, um perfil no LinkedIn, no Spotify e no X.

Ao se contrapor aos veículos tradicionais, o *Nós*, como um projeto de comunicação destinado a mulheres periféricas, reivindica maior representatividade

para este mesmo público. Como resultado, observa-se que representa as mulheres periféricas a partir de sua multiplicidade, atravessadas pelas interseccionalidades: são, majoritariamente, mulheres negras, trabalhadoras, sujeitas ao sexismo e racismo e em relação com o território periférico.

É, portanto, objetivo deste artigo investigar de que forma as mulheres que comentaram a publicação no Instagram se sentiram representadas pela matéria “Preta, você se sente culpada pelo seu avanço social?”, uma entrevista com a psicóloga Ingrid Lúcio, seguida de publicação nas redes sociais do *Nós*. Infere-se que o texto gerou identificação de mulheres negras e periféricas, impactando e contribuindo para o fortalecimento da sua identidade. Deduz-se ainda que coletivos e organizações de jornalismo negros e periféricos utilizam as redes sociais online para se conectar com o seu público, mas, sobretudo, para criar uma narrativa sobre o contexto periférico mais próximo do real e sem os mecanismos de controle usuais na mídia hegemônica.

Espera-se, então, que a partir de uma análise dos comentários na publicação no Instagram sejam obtidos recursos para entender de que forma as redes sociais têm influenciado a discussão da luta antirracista, e como as mulheres negras e periféricas têm se apoiado nos conteúdos produzidos pelo *Nós* para olhar para sua trajetória e encontrar outras perspectivas.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da pesquisa realizada no perfil do *Nós, mulheres da periferia* na rede social Instagram, foram encontrados 82 comentários de mulheres que se identificaram com a publicação “Preta, você se sente culpada pelo seu avanço social?”. Destes comentários, foram selecionados alguns emblemáticos, os quais replicaremos a seguir.

A entrevista realizada pela organização de jornalismo com Ingrid Lúcio, psicóloga clínica e doutora em Psicologia Social, destaca que, além de pesquisar o assunto, ela vivenciou a mobilidade social e explica: “não é só sobre dinheiro, é sobre acesso a arcaibouços, à conteúdo. Mas quando acontece em ordem financeira, existe uma culpa. Existem questionamentos: eu mereço? É justo?”.

O comentário da Mulher 1, um dos selecionados, mostra um pouco do que afirma a psicóloga:

Para mim é algo que tô tratando, assunto de extrema importância, eu estou ascendendo no campo executivo, e mantenho algumas

amizades das antigas que por falta de mais conhecimento, ainda continuam na mesma (não é crítica), mas quando convido para sair, conhecer lugares bacanas e tals, meio que entendem que estou esbanjando, não sou eu mesma e etc..., como se eu tivesse perdido minha identidade, e as novas pessoas que conheço por meio do campo executivo, não me agradam como amizade, pois infelizmente não posso toda hora ficar militando e sendo didática em relação ao racismo estrutural, então me isolo, porque fica nessa parada.. Quem eu conheço a muito tempo acha que sou esnobe, quem conheço a pouco tempo são racistas, então é ficar isolada, fazer os rolês sozinhas, e cumprir todos os santos dias com o amor-próprio.

A Mulher 2, por sua vez, apresenta em seu comentário uma diversidade de questões que refletem o que é ser uma mulher negra em ascensão no Brasil.

Não sinto culpa ou frustração, mas a solidão é muitoooooooooo grande. É exaustivo, todos os dias você lutar para afirmar-se nos lugares nos quais sua condição financeira permite estar. Você chegar nestes ambientes não vê pessoas de sua cor, garçons demorarem de te atender, olhares de cima embaixo dos outros frequentadores, e quando você sai para dançar? Terrível, sempre é a última a ser chamada, os poucos homens de sua cor chamam as brancas, e dos homens que te chamam para dançar sempre optam por uma dança sensualizada. Então, quando você busca apoio na sua família e amigos eles simplesmente não entendem o que você fala. Na maioria das vezes acham que você está fazendo tempestade num copo d'água. Você não é ouvida, pode ser não vista e na maioria das vezes maltratada, antes inclusive pelas mulheres negras também. E quando se é negra de pele clara o limbo fica mais severo, porque ainda precisa lidar com a não aceitação de que você busca pertencimento. O pior de tudo é que até eu mesma sentia tudo isso mas não sabia nomear ou articular conscientemente, hoje com a ajuda de muitas páginas como essa, tenho buscado literatura para aprender mais e passar isso para quem está ao meu alcance. Até minha terapeuta tem dificuldade em entender o que eu digo.

Evocamos, então, Hall (2006) para partir de um conceito bastante caro às pessoas negras: a construção da identidade.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural (HALL, 2006, p. 10 e 11)

É importante destacar que a identidade nacional brasileira foi construída em cima de uma supervalorização da branquitude, que atua para manter seus privilégios, ao passo que às pessoas negras é negada a valorização da sua identidade e sua representatividade nos mais variados espaços da vida pública. Para Bento (2022), as

formas de exclusão e de manutenção dos privilégios dos mais diferentes tipos de instituições são similares e sistematicamente negadas ou silenciadas.

Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o diferente ameaçasse o 'normal' e o medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele (BENTO, 2022, p.18).

Em seu comentário na publicação do *Nós, mulheres da periferia*, a Mulher 3 aponta uma sensação de não pertencimento e exclusão:

Lembrei agora a primeira vez que estive no Rio, entrei em um shopping, olhei pra (sic) minha amiga e disse: isso aqui não é pra (sic) mim, eu tinha 23 anos. Passaram-se 19 anos e os passos ainda são lentos, os olhares nos fazem sentir assim.

O relato da Mulher 3 está bastante relacionado ao que a psicóloga Ingrid Lúcio chama em sua entrevista para o *Nós, mulheres da periferia* de “estranhamento social”. “Não apenas o seu estranhamento, de olhar ao redor e não ver pessoas pretas. Mas, também, com o fato de você entrar num lugar e as pessoas levarem um susto”.¹³

Quando ocorre esse movimento de mobilidade social, a psicóloga reforça a importância de alimentar o senso de pertencimento, que é o aquilombamento. Ingrid Lúcio recomenda:

Estar entre pessoas pretas, com as quais a sua conversa flua. Não é sobre abandonar sua galera de origem periférica. É se permitir transitar entre esses lugares com mais orgulho, não se sentindo traído os seus. Esse movimento não é fluido, é preciso prestar atenção em como cultivar essa nova identidade.

É preciso estar atento para enfrentar as violências que atingem diariamente a população negra no Brasil. Carneiro (2019) afirma que há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima.

Esses são os efeitos da hegemonia da “branquitude” no imaginário social e nas relações sociais concretas. É uma violência invisível que contrai saldos negativos para a subjetividade de mulheres negras, resvalando na afetividade e sexualidade destas (CARNEIRO, 2019, p. 219).

¹³ Entrevista disponível em <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/preta-voce-se-sente-culpada-pelo-seu-avanco-social/>

Para hooks (2019), muito da dor psíquica que as pessoas negras experimentam diariamente no contexto da supremacia branca é causada pelas forças opressivas desumanizantes, “forças que nos tornam invisíveis e nos recusam o reconhecimento”.

Enxergar os negros como invasores do que o branco considera seu espaço privativo, seu território, é uma dessas opressões, segundo Bento (2022). “Os negros estão fora do lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando. Quando se colocam em posição de igualdade, são percebidos como concorrentes.”

Em seu comentário no Instagram, a Mulher 4 relata solidão e rejeição:

[...] me sinto extremamente solitária cada vez que acesso espaços mais elitizados. Me sinto muito culpada, percebo rejeição até da minha família com as minhas conquistas (eles não têm letramento racial). Demorou pra eu conseguir entender tudo isso, e confesso que ainda não consigo aceitar, eu passo todo o tempo tendo que provar o meu valor, me culpo por questões financeiras, me sinto usada por algumas pessoas, parece que o único lugar no mundo que eu pertencço é a minha casa, trancada no meu quarto.

O isolamento revela como a vida de pessoas negras é modelada por uma ansiedade de serem atacadas por medos *brancos* de contágio. De acordo com Kilomba (2019), em termos psicanalíticos, a ansiedade responde exatamente a alguns fatores ainda não reconhecidos: *Por que há pouquíssimas pessoas negras aqui? O que isso poderia significar? Estou segura/o aqui?*

Apesar do cenário, é possível encontrar esperança entre as espectadoras do *Nós, Mulheres da Periferia*, conforme o comentário da Mulher 5:

... é preciso mesmo estudar e ir à luta, conquistar espaços ter voz e andar sempre de cabeça erguida, olhar as pessoas nos olhos, ter e saber o que falar, até mesmo pra calar as pessoas que pensam que somos menos... escrevo com esperança, precisamos reconstruir tudo pra moçada bonita e feliz que está vindo agora.

E da Mulher 6:

Esse artigo tocou na minha ferida. Mas é a reflexão, autoconhecimento e valorizar o que somos. Estou no momento dane-se todo mundo, porque ando de saco cheio de tudo, tem hora que cansa demais.

Agir com firmeza foi o caminho encontrado pela Mulher 7:

Nunca senti culpa, mas o afastamento das pessoas foi doloroso. Internalizar culpa e sofrimento por ascender não pode nos rondar como sensações limitadoras dos nossos caminhos. Nos espaços da

de elite legitimado pela "branquitude" eu nem esquento, entro e saio sem vê-los como superior. Acho que tudo está na postura de quem ascende socialmente. Sejam firmes sempre!

A prática do autoamor e de amar a negritude como resistência, recomendada por hooks (2019), surge como um caminho para enfrentar as forças de dominação que tomam as vidas negras. "Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação" (hooks, 2019, p.63).

Para além das atitudes individuais e coletivas, como o trabalho realizado pelo *Nós*, há que se considerar como desafio a necessidade de incidir sobre as construções culturais racistas que permanecem reproduzindo a imagem estereotipada das mulheres negras e sua desqualificação estética, conforme ressalta Carneiro:

É preciso confrontar o peso da hegemonia da branca nessa desqualificação estética das mulheres negras, que tem impactado a sua empregabilidade e a sua possibilidade de mobilidade social, além de impactar negativamente a sua capacidade de disputa do mercado afetivo. Além da reconstrução de um imaginário sobre as mulheres negras, capaz não apenas de reverter essas imagens de controle que as aprisionam, faz-se necessária a formulação de propostas que permitam a circulação igualitária das imagens das mulheres recortadas pela raça. Em síntese, urge que se proponham novas imagens para as mulheres negras brasileiras, que rompam com os paradigmas do passado e com as novas discussões midiáticas em que as mulheres negras são, à sua revelia, revestidas de vernizes de modernidade, sem alteração na essência dos estereótipos consagrados (CARNEIRO, 2019, p. 283).

Neste sentido, são ainda grandes os desafios em várias esferas. Destacamos neste artigo a relevância que os meios de comunicação podem exercer em prol da construção de um novo imaginário da mulher negra nesse espaço e, por extensão, nas instâncias de decisão política e na sociedade. Diante disso, o protagonismo da mulher negra e periférica na mídia se faz cada vez mais urgente.

É neste sentido que o trabalho realizado pelo *Nós* tem sido tão pertinente. Além de impactar a vida das mulheres, a organização de jornalismo também procura influenciar a transformação do ecossistema de comunicação, reposicionando as periferias como protagonistas e potências criativas. Notamos que, em seus canais, o *Nós* proporciona que as mulheres atuem coletivamente, a partir das interações por meio de comentários. O que nos remete aos estudos sobre os impactos das ações coletivas de Castells:

Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletivas, prevalece a mais poderosa emoção

positiva: o entusiasmo, que reforça a mobilização societária intencional (CASTELLS, 2013, p. 158).

Apesar das limitações tecnológicas – entre os mais ricos, o índice de uso da internet é de 97%, e, entre os mais pobres, é de 69%¹⁴ –, é notável que a chegada da internet potencializou as mobilizações coletivas, ampliando as possibilidades de disseminação da informação e de conexão entre diferentes públicos ao redor do globo.

Os dados de alcance do *Nós* nos dão uma amostra do quão longe é possível chegar: em 2023 suas redes sociais online atingiram mais de 8 milhões de pessoas¹⁵, com pautas que colocam a mulher como protagonista da sua própria história.

O jornalista Rene Silva, fundador do Voz da Comunidade, reforça a mudança na grande mídia depois do surgimento das mídias comunitárias – ou independentes – como um todo, especialmente pelo comportamento diferente da grande mídia, ao tentar pelo menos ouvir, saber, buscar. "A gente muda toda a história da comunidade a partir do momento que a gente faz as pessoas terem acesso e acreditarem em si próprias, de que é possível, sim, conseguir" (SILVA, 2020, p.159).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mídia alternativa, independente e interseccional, o *Nós, mulheres da periferia* se apoia em canais nas redes sociais online para expandir a informação, propor reflexão e troca, diferentemente da mídia convencional hegemônica.

O *Nós* tem cumprido um papel imprescindível para a construção de uma afirmação positiva da mulher negra e periférica, à medida que apresenta pautas propositivas e positivas sobre a existência delas e se tornou um canal de identificação entre elas. Podemos entender o veículo como o “aquilombamento” que cita a psicóloga Ingrid Lúcio em sua entrevista, por seu conteúdo afetar e dialogar diretamente com o público-alvo: mulheres negras e periféricas. E por ter se tornado um espaço em que se sentem seguras para compartilhar questões sensíveis: elas expuseram situações sobre sua vida pessoal e profissional em uma publicação aberta ao público seguidor do perfil do *Nós* no Instagram, que alcançou mais de 43 mil pessoas.

De acordo com dados do IBGE, as mulheres representam 51,5% da população do país, no *Nós* elas são mais de 80% da audiência¹⁶. Ou seja, o veículo se tornou referência para mulheres negras e periféricas, que, segundo estudo desenvolvido pelo

¹⁴ Pesquisa TIC Domicílios 2023.

¹⁵ Dados do Meta. Disponíveis no Mídia Kit enviado pela organização de jornalismo.

¹⁶ Dado do Censo 2022 realizado pelo IBGE.

Grupo Consumoteca, afirma, em sua maioria (54%), consumir conteúdos que retratam sua realidade.

Nos canais online do *Nós, mulheres da periferia*, mulheres negras e periféricas são protagonistas, seja ao encontrar narrativas próximas das realidades que vivenciam; com conteúdos relevantes que contribuem para entenderem que situações vividas por elas são comuns à grande parte das mulheres negras e periféricas brasileiras; ao poder falar abertamente sobre suas dores, angústias e conquistas; ao protagonizarem os conteúdos produzidos pelo *Nós*; ao poder esclarecer dúvidas sobre temas relacionados às mulheres; com publicações inspiradoras, entre muitos outros temas relevantes na atualidade e para a vida em sociedade.

Ao notarmos o alto índice de engajamento com as publicações feitas no Instagram, especialmente o post selecionado para este artigo, identificamos um senso de pertencimento, protagonismo e identificação.

Segundo Santos Souza:

A construção de uma nova identidade é uma possibilidade que nos aponta essa dissertação, gerada a partir da voz de negros que, mais ou menos contraditória ou fragilmente, batem-se para construir uma identidade que lhes dê feições próprias, fundada, portanto, em seus interesses, transformadora da história - individual e coletiva, social e psicológica (SOUZA, 2019, p. 116).

Entendemos que as discussões apresentadas nas redes geram transformações em diversos aspectos sociais. Ao analisar as publicações da organização jornalística, identificamos grande número de comentários agradecendo o conteúdo exposto, demonstrando identificação com o compartilhamento de vivências, trazendo relatos de mudança de visão e comportamento.

Por isso, é importante destacar que para além dos números, é necessário entender que o conteúdo feito por veículos comprometidos com o combate ao racismo, ao machismo e a outras formas de discriminação e opressão é feito por pessoas e para pessoas. E pessoas não são números, mas agentes sociais capazes de disseminar as mensagens recebidas e, assim, contribuir para transformações coletivas e de impacto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BONDUKI, Nabil George e ROLNIK, Raquel. **Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho**. São Paulo: Fundação para Pesquisa Ambiental, 1979.

BORGES, Altamiro. **A Ditadura da Mídia**. 1ª edição. Coleção Vermelho, 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.

CASTELLS, Manuel de. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. São Paulo: Editora Zahar, 2013.

FERREIRA, Ricardo Alexino. **Espelho Infiel, o negro no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

HOOKS, bell. **Olhares negros, raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, 2019

KOWARICK, Lucio. **A espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação. Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, Dennis de. **Etnomídia: a construção de uma paisagem étnica na linguagem midiática**. São Paulo: ECA/USP, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/9788572050869>. Acesso em: jan. 2024.

OLIVEIRA, Dennis de. **Iniciação aos Estudos de Jornalismo**. São Pauo: Instituto Abya Yala, 2020.

OLIVEIRA, Semayat. Entrevista concedida a Lilian Vieira Ambar. São Paulo, jun. 2022.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. São Paulo: Editora Vozes, 2015.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro**. São Paulo: Editora Zahar, 2021.

SILVA, Rene. **Ativismo digital e ação comunitária (Cabeças da Periferia)**. São Paulo: Editora Cobogó, 2020.

Referências eletrônicas

FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/29772-nos-mulheres-da-periferia.shtml>>.

Acesso em: abr.2023.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/>>. Acesso em: abr. 2023.

IG NOTÍCIAS. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/2024-02-27/mulheres-negras--mercado-de-trabalho.html>>. Acesso em: mar 2024.

BRASIL DE FATO. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/06/pessoas-negras-sao-maioria-em-postos-de-trabalho-informais-e-ganham-61-menos-que-pessoas-brancas-aponta-ibge> >. Acesso em: mar 2024.

FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/07/mulheres-negras-ganham-menos-da-metade-que-homens-brancos-no-brasil-mostra-novo-estudo.shtml>>. Acesso em: mar 2024.

CORREIO BRAZILIENSE. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opiniaio/2024/03/6823772-a-relacao-desigual-que-naturaliza-o-racismo-e-oprime-mulheres-pretas.html> >. Acesso em: mar 2024.

Folha de S. Paulo. Disponível em: < <https://folha.com/0cijzfnx>>. Acesso em: mar 2024.

NÓS, MULHERES DA PERIFERIA. Disponível em: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/preta-voce-se-sente-culpada-pelo-seu-avanco-social/>>. Acesso em: mar. 2024.

ALMA PRETA. Disponível em: < <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/rosane-borges-a-cobertura-da-midia-cria-a-fronteira-entre-nos-e-os-outros/>>. Acesso em: mai. 2024